

CHARLIE HEBDO: DERRISÃO E INTERINCOMPREENSÃO

Sarah Menoya Ferraz¹

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre as polêmicas causadas pela interincompreensão relacionada às derrisões das charges da revista francesa Charlie Hebdo que se referiram à morte do menino sírio Aylan. Isso deverá ser feito não apenas pela análise do conteúdo em si das charges como também naquilo que implica a imagem da revista como sendo preconceituosa e intolerante e, portanto, também refletindo sobre a maneira com que a mídia tem interpretado as charges. Para tanto mobilizaremos o conceito do gênero derrisão, a noção de estereótipo e de interincompreensão no âmbito da Análise do Discurso de linha francesa.

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the controversies caused by interincomprehension related to the derision of the cartoons of the French magazine Charlie Hebdo that referred to the death of Aylan, Syrian boy. This should be done not only by the content of the analysis itself of the cartoons but also implies what the magazine's image as bigoted and intolerant and therefore also reflecting on the way the media has interpreted the cartoons. To this end, we mobilize the concept of gender derision, the notion of stereotype and interincomprehension under the Analysis of French Discourse.

Palavras-chave: Derrisão; Interincompreensão; Estereótipos; Charlie Hebdo.

Keywords: Derision; Interincomprehension; Stereotypes; Charlie Hebdo.

Introdução

Todo mundo já ouviu falar que a falta da mútua compreensão entre os indivíduos se deve à falta de diálogo. A coisa não é tão simples assim, pois nem sempre se resolvem as diferenças na conversa, principalmente quando estas diferenças são produtos de posicionamentos e inscrições em diferentes formações discursivas. A situação fica ainda mais crítica quando estes posicionamentos são ridicularizados pelo outro. O que comumente os indivíduos concebem como falta de diálogo não coincide com o que a Análise do Discurso cientificamente tem considerado.

Minhas recentes pesquisas inauguram o estudo da derrisão antirreligiosa no Brasil tendo como *corpora* materiais derrisórios produzidos na França e no Brasil. Para este artigo, analisei duas charges da revista francesa Charlie Hebdo em que há referência à recente situação dos refugiados sírios que buscam abrigo na Europa e a morte do menino sírio Aylan, que ficou conhecido por uma foto do seu corpo encontrado na praia. Além disso, proponho refletir sobre a

¹ Doutoranda em Linguística pelo PPGL - UFSCar, São Carlos, Brasil.
E-mail: sarahmenoya@hotmail.com

maneira com que alguns sites de notícias têm interpretado as mesmas charges e como isso tem contribuído para construir uma imagem específica sobre a revista.

Levamos em consideração que as charges mobilizam aspectos estereotipados de determinadas religiões para que com isso possa colocá-las numa situação de derrisão. Mas em que consistem estes estereótipos e como são mobilizados e interpretados? E ainda: sabendo que interpretações são relativas às formações discursivas e que, por isso, podem ser divergentes, como compreender a interincompreensão entre produtores e leitores?

Para esclarecer estas questões convocamos à reflexão as contribuições de Sírio Possenti (2010) sobre estereótipos básicos e estereótipos opostos, que ajuda na reflexão da primeira questão, e de Dominique Maingueneau (2008) sobre interincompreensão, que pode responder à segunda. Complemento a discussão afirmando que ambos conceitos fazem parte de uma mesma semântica e estão implicados numa relação de causa e consequência.

Derrisão

A derrisão é um gênero textual que usa humor para ridicularizar o outro (uma pessoa, uma religião, uma situação, um partido político, etc). O estudo deste gênero é concebido principalmente no seio da Análise do Discurso e foi pensado pela pesquisadora francesa Simone Bonnafous e, no Brasil, pelo pesquisador Roberto Baronas.

Para Bonnafous (2003) o que diferencia este gênero de qualquer outro humorístico é a sua aproximação com a ironia e a associação entre o cômico e a agressividade.

Baronas (2005, p.105) explica que

Talvez um dos mais antigos recursos enunciativos, advindos da época clássica, e ainda bastante utilizado atualmente, principalmente em atividades que utilizam o discurso político como forma de desqualificação do oponente seja a zombaria. Essa técnica de oratória é conhecida pelos retóricos clássicos como *tropos zombeteiro*, meios linguísticos, cuja finalidade é justamente diminuir o adversário, suscitando o riso num determinado auditório. Mais modernamente, o *tropos zombeteiro*, despido de seu caráter psicologizante, foi reelaborado, passando a ser concebido pelos teóricos do discurso como derrisão.

E acrescenta, na mesma página, que “mais do que uma estratégia enunciativa, a derrisão pode ser concebida como um gênero textual, cuja temática centra-se em questionar por meio da sátira a ordem estabelecida e/ou os valores largamente cristalizados em nossa sociedade” é ainda “uma espécie de ‘amabilidade verbal’ violenta que por produzir o riso foge de sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública”. O pesquisador (2005, p.107) também afirma que “os efeitos do seu dizer são atenuados ora pelo efeito de escárnio que provoca, ora pela mobilização de um discurso Outro já legitimado na sociedade. ”

Porém estas últimas assertivas de Baronas nem sempre me parecem verdadeiras, pois em se tratando de derrisões de caráter antirreligioso, suas vítimas não terão senso de humor. A derrisão é levada a sério, ou seja, lida no sentido literal, por grande número de pessoas, que coincidem principalmente com os adeptos da religião estereotipada. Isso pode ser explicado, entre outras formas, por meio da natureza do discurso religioso, que se julga autossuficiente e garante a sua verdade como inquestionável, sendo diferente da natureza do discurso político, por Linguagem, São Carlos, v. 26 (1): 2016.

exemplo. Pode-se explicar isso também por meio da noção de estereótipos básicos e estereótipos opostos, é o que faremos neste artigo.

Estereótipos

Não é possível não falar sobre os estereótipos quando o assunto são charges e esquetes derrisórios que mobilizam os estereótipos de determinada religião a fim de ridicularizá-la.

Basearemos nas observações de Possenti, linguista que tratou sobre os estereótipos com originalidade no Brasil, e para quem (2010, p.28)

há relações determinadas entre linguagem e história, e que são estas relações que explicam o surgimento, a circulação e a interpretação dos textos; com base nisso tenta estabelecer algumas conexões explícitas entre humor e acontecimentos.

Segundo Possenti, as piadas sobre os mais variados grupos humanos (isso vale para as derrisões das charges) se baseiam num traço que é assumido por uma pessoa ou por um grupo social, que equivale ao estereótipo básico, para colocarem em circulação o seu oposto mais rebaixado possível, o estereótipo oposto ou simulacro.

Desta forma, interessa a esta reflexão, assim como faz Possenti (2010, p.39), “associar as piadas à questão da identidade” e admitir que “tal identidade esteja sempre representada nas piadas através de estereótipos”. E, a partir disso, vislumbramos a importância da discussão com vistas ao efeito de verdade, ilusório, produzido pelo valor que se dá a alguns aspectos da religião na interação social.

Interincompreensão

Pensando numa teoria materialista de processo discursivo, Pêcheux (2014, p.) reflete sobre a questão seguinte: “como aquilo que hoje é *tendencialmente* ‘a mesma língua’ autoriza funcionamentos de ‘vocabulário-sintaxe’ e de ‘raciocínios’ antagonistas?”. Porém afirmamos aqui que pode existir “raciocínios antagonistas” sobre uma mesma materialidade linguística, pois, tomando emprestada a assertiva de Maingueneau (2008, p. 100), definiremos assim “regras de passagem de uma interpretação a outra, sem tocar na estabilidade do significante linguístico” considerando se tratar de um “pentecostes pervertido, no qual cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior do mesmo idioma”.

Portanto, é sabido (mas não tão óbvio) que a falta de compreensão entre as instituições, em muitos casos apesar do uso do mesmo código linguístico, se deve a instabilidade semântica das palavras. Esta instabilidade pode ser explicada pela noção de simulacro (afirmação de que todo discurso traduz o seu outro a partir do seu mesmo e o que Possenti também atribui aos estereótipos opostos) e pelo conceito de interincompreensão.

Marie-Anne Paveau (2015, p.42) afirma que estes tipos de debate (acerca do uso das palavras ou, no nosso caso, das figuras caricatas e suas legendas) “introduzem constantemente o moral no lexical, o ético no semântico, o bem e o mal no discurso”, é por isso que este funcionamento de “raciocínios antagonistas” bem como os estereótipos devem ser estudados pela Linguagem, São Carlos, v. 26 (1): 2016.

ótica da moral, ou seja, pelo julgamento de valor dado ao enunciado por aqueles que produzem e leem e que estão inseridos em lugares sociais específicos, portanto, numa determinada formação discursiva.

Vale lembrar, mais uma vez tomando de Maingueneau (2008, p. 106), que “a formação discursiva não define somente um universo de sentido próprio, ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos”, por isso devemos considerar a interação semântica.

Para Maingueneau (2008, p.99)

Quando o espaço discursivo é considerado como rede de interação semântica, ele define um processo de interincompreensão generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas. Para elas, não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno.

Este processo é um processo de interincompreensão, pautado na existência de semas positivos, reivindicados pela formação discursiva de que o sujeito faz parte, e de semas negativos, rejeitados por este sujeito. O registro negativo do seu próprio sistema é resultado da tradução do enunciado do Outro pelo julgamento de valor positivo do seu, só assim o Outro é compreendido.

Charlie Hebdo e o caso do menino Aylan

No dia 13 de janeiro de 2016, Charlie Hebdo² publicou uma série de charges referindo-se a Aylan, garoto sírio de três anos que morreu afogado na travessia do mar Egeu. A foto do garoto morto na praia, que inspirou a revista francesa, comoveu todo o mundo e provocou uma grande mobilização internacional pelos refugiados que tentam chegar à Europa.

Em um comunicado, o pai de Aylan chamou o desenho caricato da revista de “desumano e imoral”, afirmando que era “tão mau quanto as ações dos criminosos de guerra e terroristas” que causaram mortes e migrações em massa na Síria e em outros países. Não só a família, mas muita gente pelas redes sociais, pela mídia televisiva, mídia impressa e pela internet registra suas críticas e revolta com as charges a respeito do menino.

² *Charlie Hebdo* é uma revista de humor semanal com sede em Paris, na França, e é conhecida pelo envolvimento em polêmicas devido às charges que produz. No dia 07 de janeiro de 2015, três homens armados atacaram a sede da revista, deixando doze vítimas fatais. Entre os mortos, estão Stephane Charbonnier (cartunista e diretor da revista) e três cartunistas: Cabu, Wolinski e Tignous. A mesma revista já havia sido alvo de atentados terroristas em 2011 após a publicação de charge sobre o profeta Maomé. No dia 09 do mesmo mês a polícia francesa matou os dois suspeitos pelo atentado à revista *Charlie Hebdo* dentro de uma gráfica, na cidade de Dammartin-en-Goële, próxima a Paris. A ação ocorreu ao mesmo tempo em que as forças de segurança entraram no mercado Hyper Cacher no leste da capital, onde um homem armado fez mais ou menos vinte reféns e resultou em quatro mortos. Os dois casos foram relacionados ao ataque à sede da revista. Depois do ataque, o jornal alemão *Hamburger Morgenpost* publicou na primeira página três charges da *Charlie Hebdo* como forma de apoiar as manifestações e no dia 11 do mesmo mês o jornal sofreu um incêndio não havendo feridos. Muitos países realizaram homenagens às vítimas dos atentados. O Observatório contra a Islamofobia do Conselho Francês de Culto Muçulmano (CFCM) anunciou na segunda, dia 12, que mais de 50 atos antimuçulmanos foram registrados na França desde o atentado jihadista contra a revista francesa. Luz, cartunista da revista satírica francesa *Charlie Hebdo*, anunciou que não vai mais fazer charges com o profeta Maomé, em uma entrevista divulgada no dia 29 de abril do mesmo ano do atentado.

As charges

Ocupando metade de uma página dupla, a charge assinada pelo editor Riss mostra um homem correndo atrás de uma mulher sob o seguinte título: "Migrantes: no que teria se transformado o pequeno Aylan se tivesse crescido?" e a legenda "Apalpador de bundas na Alemanha", em uma referência às agressões sexuais registradas neste país europeu na noite de Ano Novo. Segundo as denúncias, a maioria dos suspeitos seria de refugiados.



Há duas referências históricas principais: a Alemanha e o povo sírio, os dois colocados em derrisão na charge. A charge questiona valores cristalizados sobre um país hospitaleiro (visto que foi o país europeu que acolheu o maior número de refugiados sírios até agora) e sobre uma criança inocente, semas positivos de valores que fazem parte do estereótipo básico relacionado aos elementos de referência da charge e que se constituem de traços assumidos por grande número de pessoas, cenário este elaborado como pano de fundo para sugerir um oposto, uma situação avessa aos valores cristalizados, rebaixando-os. Portanto, o estereótipo oposto se baseia nos semas negativos, um país que abriga estupradores e uma criança que não teria um bom futuro se sobrevivesse, afinal, se enquadraria no cenário alemão de violência sexual.

O Estado islâmico, responsável pelos ataques na Síria, afirma que os muçulmanos sírios pecam ao se abrigarem na Europa, sendo este continente lugar de permissividade sexual, entre outros tantos pecados "normais" para os europeus.

Percebe-se então que o estereótipo oposto aponta para a visão do próprio estado islâmico, mas, neste caso, não é porque aponta que legitima. Apontar para um estereótipo oposto tomando-o em derrisão é dizer que a situação que o compõe (Alemanha associada a quadros de estupro e uma criança morta que seria a corja da sociedade), pode ser ridícula.

Em outros termos, tanto o estereótipo básico como o oposto são produtos do imaginário social. O estereótipo oposto faz parte da formação discursiva do estado islâmico, e o grupo de adeptos da formação discursiva atea, na qual a revista francesa se insere, dá a conhecer um pensamento que em princípio não assume, mas que lhe é atribuído de um outro lugar, pelo seu Outro, o estado islâmico.

Na outra charge, um homem que lembra Jesus Cristo diz: "A prova de que a Europa é cristã. Os cristãos andam sobre a água. As crianças muçulmanas afundam".



Assim como na charge anteriormente analisada há duas referências principais: a Europa e o menino Aylan, como representação das crianças muçulmanas.

O estereótipo básico nestas referências é constituído da imagem de um continente predominantemente cristão e que, portanto, conta com costumes religiosos legitimados pelas instituições cristãs e também de um povo refugiado que necessita de abrigo nos países europeus. Estes estereótipos básicos abrigam semas positivos, valores morais assumidos por grande número de pessoas, cenário este elaborado como pano de fundo para sugerir um oposto, uma situação avessa aos valores cristalizados, rebaixando-os. Portanto, o estereótipo oposto se baseia nos semas negativos, um continente soberbo sugerido pela imagem de um cristão caricato marcado pela semelhança física do que comumente se entende por Jesus e que anda sobre (atenção para o Linguasagem, São Carlos, v. 26 (1): 2016.

termo “sobre”, sentido eufórico) as águas, não se trata de um sujeito soberbo, mas de uma identidade nacional estereotipada materializada na figura de um sujeito. A imagem quando associada à memória histórica-contextual propõe ainda a existência de um estereótipo oposto baseado no fato de que o povo muçulmano morre antes de chegar à Europa, compreendendo “chegar” por dois vieses: não se chega, ou não se atinge, a sua superioridade (proposta na figura do cristão europeu) e não se chega fisicamente, afinal no meio do caminho eles “afundam” (atenção para o termo “afundam”, sentido disfórico).

Percebe-se então que o estereótipo oposto aponta para a visão que é própria de uma formação discursiva que afirma a soberania do cristianismo, lembrando de novo que não é porque aponta que legítima. Toma-se em derrisão o estereótipo oposto para afirmar que a ideia que o compõe (a Europa é cristã e mantém um sentimento de superioridade), pode ser ridícula.

Em outros termos, tanto o estereótipo básico como o oposto são produtos do imaginário social. O estereótipo oposto faz parte da formação discursiva do cristianismo, e o grupo de adeptos da formação discursiva atea, na qual a revista francesa se insere, dá a conhecer um pensamento que em princípio não assume, mas que lhe é atribuído de um outro lugar, pelo seu Outro, o cristão europeu.

A imprensa

A diferença entre a derrisão associada a questões religiosas e as outras derrisões é assunto para um trabalho mais longo e específico, mas, em termos gerais, podemos perceber que a incompreensão entre os sujeitos, sobretudo produtores e receptores, quando de diferentes formações discursivas, é fruto da interpretação dos estereótipos como verdades incontestáveis (a verdade religiosa), afinal o religioso vai ler o estereótipo oposto como a verdade assumida pelo chargista e, em consequência, a piada será levada a sério.

Até mesmo a mídia assim se manifesta usando títulos como “Charlie Hebdo compara menino sírio morto em praia a estuprador”³ ou “Charge preconceituosa do Charlie Hebdo faz pai de menino sírio chorar”⁴.

O primeiro título propõe legitimar as ideias do estereótipo básico e condenar as ideias do estereótipo oposto, como se este fosse assumido por Charlie Hebdo. Esta é a mesma leitura do site, responsável pelo segundo título que citei, que afirma que a revista é “preconceituosa”. Desta forma, vende-se a ideia de uma revista racista.

Diferentemente destas leituras há aquelas que se afastam mais da interpretação literal dos estereótipos, é o caso de “Charge do 'Charlie Hebdo' sobre ataques e menino sírio afogado provoca revolta”⁵ que toma uma posição de descrição do contexto: há quem produz e há quem se revolta com a produção.

³ Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2016-01-15/charlie-hebdo-compara-menino-sirio-morto-em-praia-a-estuprador.html>> acesso em 17/02/2016

⁴ Disponível em <<http://noticias.r7.com/internacional/charge-preconceituosa-do-charlie-hebdo-faz-pai-de-menino-sirio-chorar-17012016>> acesso em 17/02/2016

⁵ Disponível em <<http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2016/01/15/charge-do-charlie-hebdo-sobre-ataques-e-menino-sirio-afogado-provoca-revolta/>> acesso em 17/02/2016

Os agentes envolvidos (a revista, o cristão, o muçulmano, o leitor em geral, o site de notícia, etc) são parte da dinâmica da interação semântica geradora de polêmica. Maingueneau (2008, p.110) entende que a polêmica é promovida principalmente pelas condições de possibilidades semânticas acerca dos enunciados e conceitua: “polemizar é sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável”. Para o muçulmano a “Lei incontestável” é baseada na Xaria, para o site de notícias o incontestável é a preservação moral envolvida na imagem do garoto visto que a família chora, para o religioso a sua religião é incontestável, cada qual inscrito no quadrado corporativista da sua formação discursiva que impede o entendimento do outro como o outro se entende, mas compreendendo-o pelo viés de suas próprias concepções.

Conclusões

O leitor deve se perguntar: mas por que veicular o oposto do que se assume? Talvez, pela análise que fizemos, isso já tenha sido de algum modo respondido, mas cabe ainda nesta conclusão enfatizar que fazer rir pondo em derrisão o Outro implica em desestabilizar, em desmentir este Outro, ou ainda, em tomá-lo pelas próprias palavras e atitudes.

O abalo identitário e a possibilidade de diferentes posições enunciativas inicia o processo de interincompreensão e começa a reorganizar os raciocínios e o julgamento de valor. Acaba que ou se compreende as charges, e a revista como um todo, como veículo de crítica ao estereótipo oposto, que se constitui de semas negativos no seio da formação discursiva atea na qual a revista se insere e não assumidos por ela, e aceita o caráter cômico de seus enunciados rindo dos estereótipos ou se compreende o sentido literal do estereótipo básico, que se constitui de semas positivos dos valores cristalizados na sociedade e se condena a revista por intolerância e agressividade. Este é o núcleo da interincompreensão relaciona às charges em questão.

Bibliografia

AVILA, F. G. O. ; BARONAS, R. L. *Teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos: a piada levada a sério*. In: Roberto Leiser Baronas. (Org.). Estudos discursivos à brasileira: uma introdução. 01ed.Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, v. 01, p. 95-118.

BONNAFOUS, S. *Sobre o bom uso da derrisão*. In GREGOLIN, M. R. V. Mídia e discurso: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2003

BARONAS, R. L. *Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada*. In: Polifonia. Cuiabá: EDUFMT, 2005. p. 99-111

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo SP: Parábola Editorial, 2008.

PAVEAU, Marie-Anne. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Tradução Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al. – 5ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em: 02/02/2016. Aceito em: 20/06/2016.